

## A DIMENSÃO DA AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: UMA INTERLOCUÇÃO ENTRE FREIRE E MATURANA

GRACE ELEONORA MARTINS BRAZ<sup>1</sup>  
BIANCA HERREIRA CAPILHEIRA<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense – [gracenna7308@gmail.com](mailto:gracenna7308@gmail.com)

<sup>2</sup>Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense – [biancaherreira@hotmail.com](mailto:biancaherreira@hotmail.com)

### 1. INTRODUÇÃO

O presente estudo tem a intenção de pensar a Educação de Jovens e Adultos enquanto matriz propulsora das reflexões aqui produzidas. Para tanto, convém pensar que a Educação de Jovens e Adultos (EJA), enquanto modalidade de ensino, é recente, mas que suas experiências germinais são antigas e antecedem a sua formalização (PORCARO, 2007). A Educação de Jovens e Adultos no Brasil passou por um processo de amadurecimento, modificando-se o entendimento de que este modo de educar constitui-se a partir de uma concepção que lhe é própria: não se trata de estender a educação ao jovem e ao adulto que tem no turno da noite a possibilidade de continuar os seus estudos, trata-se de reconhecer que este é um outro modo de educar, que se dá com este jovem e com este adulto, em suas “singularidades” (JOSSO, 2016) e no reconhecimento quanto a “pluralidade” humana.

Nesse sentido, a Educação de Jovens e Adultos precisa ser transformadora, preocupada com uma leitura mais crítica do mundo, considerando os sonhos, as decepções e os desejos desses sujeitos. A afetividade é parte da experiência formadora, da autenticidade na prática de ensinar e aprender, no respeito e na dignidade do educando como sujeito em todo processo de aprendizagem (FREIRE, 2011). Consiste de um diálogo com a história de formação desses sujeitos, desses jovens e desses adultos. Essa relação, não se dá distante da compreensão de que a afetividade é um modo de encontro, de reconhecimento e de diálogo com o outro.

Com base nessas reflexões iniciais, o presente trabalho transfigura-se pertinente ao abordar a afetividade, compreendendo-a como princípio fundante de um processo formativo na EJA e como influência na formação humana do educando, considerando-se sua relevância social. Para tanto, o objetivo neste estudo é refletir como a afetividade pode influenciar a formação de jovens e adultos no contexto escolar, proporcionando aos sujeitos aprendizagens para além das salas, classes e muros da escola. Coloca-se, assim, em defesa de uma atitude humana transformadora, tendo-se como desafio pensar práticas pedagógicas que aproximem de uma leitura crítica de mundo (FREIRE, 1989) em que os sujeitos da EJA se encontram inseridos.

Concomitantemente, a amorosidade como forma de reconhecer e aceitar o outro como outro, ou seja, respeitando o processo e a liberdade do educando. FREIRE (2011, p.53) conceitua: “Gosto de ser gente porque, como tal, percebo afinal que a construção de minha presença no mundo, que não se faz no isolamento, isenta da influência das forças sociais [...]”. Nesse sentido, MATURANA (1998) demonstra que o principal na convivência humana é o amor, as atitudes que compõem o ser social na aceitação e no respeito por si próprio e por outrem. Desta maneira, é possível constatar a importância da afetividade, tendo como propósito

ressignificar e compreender o fazer pedagógico, permitindo, assim, entender os sucessos e os fracassos do trato educador-educando.

Como caracteriza MATURANA (1998, p.23): “A emoção que funda o social como a emoção que constitui o domínio de ações no qual o outro é aceito como um legítimo outro na convivência é o amor”. Uma vez que, para ele as “emoções são fenômenos próprios do reino animal”, nas quais nós humanos somos constituídos justamente no vínculo do racional com o emocional. O autor fala das emoções como, “disposições corporais que especificam domínios de ação”, fundando o social numa emoção própria, o amor, por ser esta a emoção que possibilita a aceitação do outro como legítimo outro na convivência – biologia do amor. Ou seja, o ser humano é exatamente esse vínculo entre o emocional com o racional.

Em diálogo com o princípio pedagógico de FREIRE, para MATURANA (2006) a Biologia do amor é que produz as possibilidades de uma Biologia do conhecer e pela qual reside o verdadeiro sentido do educar. O educar reside na compreensão de que, ao reconhecer o outro como análogo a nós mesmos, inaugura-se as possibilidades de nos fazermos em coletividade, em comunhão. A educação é a possibilidade desse encontro, desse reconhecimento de que constituímos juntos, a humanidade e, juntos, podemos produzir relações mais fraternas e menos desiguais. Afirma, ainda, MATURANA (1998, p.29): “O educar se constitui no processo em que a criança ou o adulto convive com o outro e, ao conviver com o outro, se transforma espontaneamente [...]”.

A produção do conhecimento, as possibilidades do sujeito cognitivamente conhecer se dá porque possuímos, em nossa estrutura, uma biologia de relação com o outro. Assim, o autor compreende que só se pode compreender como e de que forma o conhecimento é construído se consideramos esse sujeito que aprende, e consideramos esse sujeito aprendiz requer o reconhecimento de que ele é um sujeito de emoções.

Ao pensar no sujeito da Educação de Jovens e Adultos – EJA, a Biologia do amor enquanto fundamento da Biologia do conhecer e, conseqüentemente, do sentido amplo do educar, bem como, a afetividade, como princípio da pedagogia de Freire, mostra-se possibilidades de construção de uma educação que acolha, respeite, dialogue e produza, na comunhão dos sujeitos aprendizes, outras possibilidades de existência.

## 2. METODOLOGIA

Com o propósito de contemplar as intenções deste trabalho, a pesquisa bibliográfica foi adotada como metodologia para este estudo, uma vez que este tipo de pesquisa “é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” (GIL, 2002, p. 44). Os diálogos teóricos aqui construídos tiveram por base, especialmente, o educador e filósofo Paulo Freire (1921-1997) e o biólogo Humberto Maturana (1928-2021), para tal utilizou-se da reflexão pessoal da pesquisadora e do estudo de algumas obras dos referidos autores, em especial: *Pedagogia do oprimido: saberes necessários à prática educativa* (FREIRE, 2011) e *Emoções e linguagens da educação e na política* (MATURANA, 1998), entre outros documentos escritos e de autores que produziram pesquisas relevantes ao tema. Considera-se Freire e Maturana, grandes estudiosos da educação e das relações socioafetivas. A seleção do material teórico desses autores deu-se, com a finalidade de abarcar, em seus pensamentos, considerações

sobre o respeito às diferenças, a ética e a amorosidade do sujeito enquanto modos de construção do fenômeno educativo.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este estudo traz reflexões para elencar possibilidades formativas ao contexto da Educação de Jovens e Adultos, tendo a afetividade, a partir da interlocução entre Freire e o pensamento de Maturana, como estruturante dos modos de educar, em uma reflexão sobre o papel formador das relações afetivas na prática docente. As reflexões teóricas aqui construídas apontam para as possibilidades formativas de uma relação pedagógica estruturada no ser humano, marcada pela sensibilização e conscientização de que os sujeitos são compostos por múltiplas dimensões, entre elas as dimensões afetiva e cognitiva, como constituintes do indivíduo e, por conseguinte, dos nossos modos de sermos sujeitos aprendentes.

Destarte, aposta-se em outras possibilidades formativas, vislumbra-se modos pelo quais acredita-se que a Educação de Jovens e Adultos é um agente transformador de realidades. O sujeito jovem e adulto da EJA, marcado pelas desigualdades sociais que o manteve excluído da escola, tem na Educação de Jovens e Adultos possibilidades para pensar a si mesmo, no encontro com o outro. Nessa relação, ele se compreende como sujeito de outras tantas possibilidades, como sujeito de libertação. Para tanto, dizer que a afetividade é constitutiva do sujeito e, conseqüentemente, é constituidora da nossa civilidade e das possibilidades de pensarmos uma educação como sinônimo de formação humana.

Infere-se, assim, que o afeto está presente em todos os momentos em que tratamos da vida, em comunhão com o próximo e considerando suas especificidades, assim, pode a afetividade ser um exercício diário nas relações educacionais e humanas? Do ponto de vista do processo ensino-aprendizagem, ela pode ser exercício da prática pedagógica humanizada, em que o diálogo é a base da ação socioafetiva, em que “o educador que escuta aprende a difícil lição de transformar seu discurso, às vezes necessário, ao aluno, em uma fala com ele” (FREIRE, 2011, p.111). Como possibilidade de oportunizar um ambiente escolar acolhedor que se aproxime o jovem e o adulto do saber. Vale ressaltar, o ensino além dos conhecimentos científicos, mas como um processo contínuo nas quais os sentidos produzidos ao sistema educativo são desenvolvidos com os educandos a partir de uma prática pedagógica com base na afetividade.

Ademais, pensamento, lógica e razão constituem os indivíduos, que são movidos, também, pelo afeto e pela emoção. Assim, o papel da escola é muito mais do que o processo de escolarização e de aprendizado, tendo-se de criar possibilidades de uma prática pedagógica humanizada, a qual reconheça o “outro como legítimo outro” e os “saberes necessários à prática educativa transformadora” (FREIRE, 2011, p.11), dialogando com seus sujeitos.

### 4. CONCLUSÕES

Logo, ao trazer a afetividade, enquanto elemento formador do sujeito, para pensar os processos educativos na EJA, compreende-se a educação como sinônimo de formação humana. Para além de pensarmos na possibilidade da escola como um lugar de qualificação do sujeito, em termos de apreensão do conhecimento científico, acredita-se que o papel da escola e, em especial, da Educação de Jovens e Adultos é produzir outros modos de relação com o outro, modos de compreensão

da condição como sujeitos de afetividade, dentre tantas outras dimensões que constituem o ser. Salienta-se o papel formador oriundo de uma compreensão do ser humano integrado, inter-relacionando os aspectos cognitivos e os afetivos, no processo de construção do conhecimento. É a partir das interações sociais que os indivíduos se desenvolvem.

A dimensão afetiva é parte integrante desse processo de ensino e aprendizagem, como condição motivadora no relacionamento educador-educando. Essas dimensões afetivas auxiliam o desenvolvimento humano do educando e a aquisição de novos saberes que dialogam com as suas vidas, com os seus projetos de formação. Portanto, a educação é vinculada aos significados e sentidos da vida, compreende princípios sociais e pedagógicos, isto é, considerada e entendida no seu contexto social. Também, no reconhecimento de uma prática que dialogue com os seus pares e na consciência sobre a importância de uma pedagogia da afetividade na Educação de Jovens e Adultos através das emoções, do amor, da amizade e da linguagem.

As ações humanas são constituídas com os outros e no mundo em que vivemos e se faz na consciência das emoções. É necessário que a afetividade transcenda as dificuldades da alma e os sujeitos possam ser contemplados e sua essência vista na sua dignidade e percebida em sua humanidade. Freire e Maturana falam da afetividade, indicam que somos sujeitos de afetividade, sendo assim, os processos educativos podem incluir essa dimensão, uma vez que os sujeitos são movidos pela emoção, pelo amor e pelo afeto, que é o princípio formador do ser.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FREIRE, P. **A pedagogia do oprimido**. 17º ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
- \_\_\_\_\_. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Autores Associados: Cortez Editora, 1989.
- \_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 43. ed., São Paulo, Paz e Terra, 2011.
- GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. - São Paulo: Atlas 2002.
- JOSSO, Marie-Christine. Processo autobiográfico do conhecimento da identidade singular-plural e o conhecimento da epistemologia existencial. In: ABRAHÃO, Maria Helena M.B; FRISON, L.M.B.; BARREIRO, C.B.(orgs.). **A nova aventura (auto)biográfica**: Tomo I. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016.
- MATURANA, H.R. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- \_\_\_\_\_. **Biología del fenómeno social**. In: MATURANA, H. R. Desde la biología a la psicología. 4. ed. Santiago: Editorial Universitaria, 2006.
- PORCARO, R.C. **A história da educação de jovens e adultos no Brasil**. Viçosa: Departamento de Educação da Universidade Federal de Viçosa, 2007. Disponível em: <http://files.pedagogiaunifeso.webnode.com.br/200000464-0b8b90c86d/A%20HIST%C3%93RIA%20DA%20EDUCA%C3%87%C3%83O%20E%20JOVENS%20E%20ADULTOS%20NO%20BRASIL.pdf>. Acesso em: 19 nov. 2020.